

Domingo, 17 de Maio de 1959

RUBEM BRAGA

VINICIUS

TALVEZ o ministro Negrão de Lima se lembre de uma discussão mais ou menos cordial que tivemos, um diplomata de carreira e eu, em sua presença, em uma festa de aniversário, sobre os méritos e deméritos do diplomata Vinicius de Moraes. Discussão que acabou, aliás, da melhor maneira possível: a dona da casa abriu um livro de sonetos de Vinicius e a leitura de sua poesia apaziguou os ânimos e abrandou os corações.

Estou me lembrando disso porque o poeta Vinicius de Moraes acaba de provar que imenso diplomata ele é. O júri internacional do Festival de Cinema de Cannes atribuiu por unanimidade seu prêmio máximo ao filme «Orfeu do Carnaval», dirigido por Marcel Camus, com argumento extraído da peça «Orfeu da Conceição», de Vinicius de Moraes. O filme foi feito no Rio, com todos os atores (menos a môça que faz Eurídice) brasileiros, com gente da Escola de Samba do Salgueiro, com música brasileira feita por Vinicius de Moraes, Tom e Bonfá.

Foi Vinicius quem possibilitou tudo isso, quem trouxe aqui o produtor e o diretor, que os ajudou a transpor as mil e uma dificuldades que começam, no armazém da Alfândega e não acabam nunca; e os animou, esclareceu e orientou. Acompanhei seu longo esforço, inclusive, a certa altura, sua tentativa de interessar da produção capitais brasileiros.

(E volto aqui à minha tese de que o caminho certo do cinema brasileiro é, por enquanto, o da co-produção, com diretor estrangeiro, pois o que nos falta é, sobretudo, diretores, e mesmo os raros que fizeram curso no estrangeiro muito ganharão servindo de assistentes aqui a bons diretores importados. Sei que a indústria de cinema tem muitos outros problemas, mas este me parece o primeiro, pois diretor é que dá qualidade ao filme, e qualidade e não preço é o que distingue um abacaxi nacional de um «Orfeu»).

Bem, a hora não é de discussão, é apenas de alegria. A paisagem de nossa terra e a música de nossa gente vão ser apresentadas ao mundo por um filme distinguido pelo «palmarés d'or» de Cannes. Saudemos o nosso bom cônsul, em Montevidéu, com as palavras com que Pablo Neruda encerrou uma feijoada, tantos anos atrás, no Bar Recreio: «Flores para Vinicius de Moraes! Flores y palomas para el poeta Vinicius de Moraes!».